

“O que as pessoas são capazes de fazer quando ninguém as detém”

FRANCISCO DJACI BEZERRA NETO
LINCOLN CRUZ MELO CAVALCANTE

RESENHA: AMPUERO, M. F. **Rinha de galos.** Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

Vemos que o gênero de terror, na atualidade e na América Latina, vive um período de ascensão, de transformação e de localização no que tange aos assuntos, problemas e inquietações que os/as autores/as vêm propondo em suas obras. O que se classifica como terror no hemisfério Sul escapa do lugar-comum do sobrenatural, do mágico, do apelativo, do hiperbólico. Situa-se nas coisas menores, nas relações pessoais, na corrosão do tecido social, na perversidade humana. Desenham-se situações do cotidiano que, quando lidas, desvelam qualquer cidade do Sul global. Terreno fértil para a imaginação, diferentes escritores cruzaram com essa atmosfera do terror. Roberto Bolaño, Mariana Enriquez, Samanta Schweblin, entre outros tantos nomes da literatura latino-americana contemporânea. Falaremos aqui de María Fernanda Ampuero e de seu último livro, *Rinha de galos*, publicado no Brasil pela editora Moinhos em 2021.

Rinha de galos compõe-se de uma série de contos, atravessada por uma extrema violência que é a que percorre os cantos e os corpos da América Latina. O corpo, durante todo o texto, é o território de guerra em que as personagens estão envoltas. Toda

FRANCISCO DJACI BEZERRA NETO

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UECE e pesquisador do Observatório das Nacionalidades (ON). E-mail: djaci.neto@aluno.uece.br

LINCOLN CRUZ MELO CAVALCANTE

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UECE e pesquisador do Observatório das Nacionalidades (ON). E-mail: lincoln.cruz@aluno.uece.br

crueldade, miséria, desespero e espoliação passam pelo corpo. Ninguém está a salvo e, mais do que quaisquer outros, estão ameaçados os corpos das mulheres e os feminilizados. Encontramos, nesses contos de María Fernanda Ampuero, cenários de violências e conflitos informais de aguda brutalidade, multiplicados pelo mundo, sobretudo, na América Latina. Para essas conflagrações de guerra não existe limite espacial, ou temporal definido, assim como não se conhece nem o começo, nem o fim. As coisas simplesmente acontecem, sem aviso, no transcorrer da vida.

María Fernanda Ampuero dá o tom do que esperar de seus contos logo nas epígrafes que inauguram o livro, tanto a do escritor argentino Fabián Casas como a de Clarice Lispector. A truculência anunciada conecta com o que virá a cada conto, degustado a seco pelo leitor. O primeiro dos contos intitula-se *Leilão*, bem rente aos acontecimentos que se mostram no texto. O conto, narrado em primeira pessoa, fala da história de uma menina que tem por volta de doze anos e de sua vida de miséria dividida com seu pai, criador de galos de briga e organizador de rinhas. Toda essa paisagem é costurada de selvageria e hostilidade. Abundam as cenas de violência, não só em relação aos maus-tratos a animais, como também sobre a situação da garota em volta de homens sádicos e desvairados, que a assediam e estupram. Ela se banha com as tripas, as fezes e o sangue dos galos mortos nas brigas, para evitar os abusos dos frequentadores das rinhas de galos. Tempos depois, essa mesma personagem é sequestrada e levada para ser vendida em um leilão de seres humanos. Só lhe restam duas opções: entregar-se à sevizia ou resistir...

O segundo conto, intitulado *Monstro*, narra a história de duas irmãs gêmeas, uma fascinada por histórias de terror e a outra assombrada por elas. Ambas vivem sob os cuidados de Narcisa, empregada da casa. Na hora da aflição com qualquer coisa, e principalmente com filmes de terror, Narcisa era o porto seguro. No entanto, sua cuidadora sempre as alertava de que se deve temer mais os vivos do que os mortos, pois são os vivos capazes das piores atrocidades. Um alerta ou um pedido de socorro?

O terceiro conto, *Griselda*, é narrado pela voz de uma criança. O leitor tem acesso à vida de dona Griselda, vizinha da menina que

narra. Griselda era uma exímia boleira e confeitadeira, fazia bolos de todo tipo, possíveis ou impossíveis. O dia favorito para essa garota era a véspera do seu aniversário, pois escolheria seu bolo em meio a inúmeras pastas com modelos diferentes. Griselda vivia com sua filha. A reação das duas era bastante conflituosa e os vizinhos especulavam muito sobre a vida das duas, até que um fato brutal acontece.

O conto *Nam* aborda uma história bastante complexa que mistura drama, terror, comédia, primeira experiência sexual na adolescência, descoberta da sexualidade e dos prazeres, incesto, emigração, insegurança com o corpo e com as relações sociais. Além disso, há doses extras de suspense. Esses temas também são explorados nos dois contos seguintes, *Crias* e *Persianas*.

A segunda parte do livro aborda questões acerca da vulnerabilidade e apatia feminina, em contrapartida à misoginia e violência dos homens, ao querer, na figura da mulher, uma empregada, uma escrava, um pedaço de carne para usar quando tiver vontade ou achar necessário. Mulheres que fazem tudo pelos homens, ainda que eles sejam seus algozes, seus carrascos, ainda que elas não ganhem nada em troca de toda sua subserviência: “Se um cachorro permanece na porta daquele que lhe dá migalhas de pão e mostra as presas, disposto a despedaçar qualquer um para protegê-lo, como você não ia defendê-lo até mesmo de si mesmo, de sua própria convicção?” (AMPUERO, 2021, p. 77).

Não se trata apenas do homem enquanto marido ou amante, mas das violências por parte do pai, do irmão, do amigo e do vizinho. Trata-se de escancarar a figura masculina em meio às suas relações de poder mais cotidianas, no seio da casa, do trabalho e da rua. Trata-se das violências mais pesadas e sádicas, até às mais corriqueiras do dia a dia: “[...] o que as pessoas são capazes de fazer quando ninguém os detém” (AMPUERO, 2021, p.80).

A tríade de contos chamados *Cristo*, *Paixão* e *Luto* dialogam abertamente com um misticismo religioso, brincando com referências sacras e com as dualidades cristãs de céu e inferno, pecado e penitência, bem e mal. Neste conto, a fé é apresentada como um dos sentimentos mais mesquinhos e perversos, pois é a fé de que as coisas vão melhorar, a fé de que as protagonistas dessas

histórias vão conseguir sair das situações absurdas de violência e crueldade que vivem, ou até a fé de que vão finalmente morrer e, enfim, poder descansar de seus algozes.

Em *Paixão*, a história é sobre crueldade, vingança, sobrevivência e fé. Acompanhamos uma criança magra e nua que foi abandonada por sua mãe, uma prostituta, na porta da casa dos avós. Lemos também o escárnio da cidade. A criança apanhava para que não fosse igual à sua mãe, enquanto todos gritavam que ela era, sim, igual à própria mãe.

Já *Luto* é um dos contos mais inquietantes e fortes do livro. Ao lê-lo, sente-se ao mesmo tempo uma repulsa, um embrulho no estômago e um inquietante encantamento pela riqueza de detalhes sórdidos que Ampuero (2021) faz questão de destacar. A história fala de mulheres consideradas pecadoras e que são submetidas aos piores castigos e torturas físicas e psicológicas por parte de seu irmão. Fala também da vingança delas contra ele, no momento que definhava em meio a uma doença. A violência, o abuso, a imundície, a omissão, tudo misturado em um caos e terror completo. Os diálogos fazem referência ao misticismo religioso e a suas figuras sagradas: “Então, cheia de vinho e de frango e da noite libérrima, María tirou o vestido, fechou os olhos e abriu os braços para que sua irmã a visse inteira, nua, como se estivesse na cruz” (AMPUERO, 2021, p. 85).

Em cada conto, María Fernanda Ampuero (2021) traz algum questionamento sobre a situação vulnerável e as violências que as mulheres sofrem, bem como a condenação da sexualidade feminina. Contudo, ela não o faz de forma doce ou agradável. Sua escrita é cruel, bestial. Escancarando uma dura realidade ao leitor, ela traz questões existenciais que esgarçam as vidas das personagens, como a dor da solidão e a depressão, que acabam com a vida das mulheres nos contos *Ali e Persianas*, ou a intransigência perversa do olhar social, expressa em *Coro*.

No último conto dessa obra tão inquietante, pungente e forte, *A outra*, María Fernanda Ampuero (2021) faz um deslizamento. A protagonista não é apenas sujeita às opressões e violências, mas também se revolta contra elas. E esse não se conformar torna-se o motor que impulsiona a personagem a seguir em frente.

Os contos de María Fernanda Ampuero são crus, terríveis, têm momentos nauseantes e são extremamente humanos. Por pior que algumas atitudes e escolhas pareçam, por mais absurdas e estranhas que algumas passagens sejam, é muito visível que há algo de vivaz em cada um deles. María Fernanda Ampuero (2021) não usa o sobrenatural ou qualquer artifício mágico para causar terror ou trazer absurdo para suas histórias. Alternando a questão do tempo e dos espaços, como também do contexto em que as personagens estão inseridas, María Fernanda Ampuero (2021) fala, na segunda parte do livro, de um punitivismo sempre atualizado e de uma herança histórica esmagadora que acompanha a vida das mulheres latino-americanas: “A crueldade sempre triunfa diante do desamparo” (AMPUERO, 2021, p.94). Torna-se impossível não associar a crueldade e o desamparo à situação sociopolítica da América Latina.

Não se trata de uma leitura fácil ou tranquila. A fluidez do texto e a extensão dos contos sugerem uma falsa facilidade. A escrita de María Fernanda Ampuero (2021) é, em si, bastante objetiva, mas os temas são densos. Ela exige do leitor certo sangue frio e um estômago forte para ler tudo o que está escrito ali sem ter um, dois ou mais colapsos nervosos. Deparamo-nos com assassinatos, cenas extremamente explícitas, incesto, torturas, abuso, violência física e mais umas tantas situações que atingem sem misericórdia a medula de quem lê.

Nas entrelinhas, também nos encontramos com pensamentos sobre classe, raça, traumas, terrores escondidos bem lá no fundo da nossa humanidade, perversidade humana e o sadismo presente nos homens mais próximos, seja um irmão, um pai, um vizinho. Dessa forma, a autora escancara que esses algozes não são monstros, ou doentes, mas homens comuns, cidadãos de bem com quem convivemos todo dia, nos âmbitos públicos e privados da existência. Na orelha do livro, Mariana Enríquez afirma que: “Talvez a crueldade seja a norma nos contos de *Rinha de galos*, porque Ampuero a conhece e a entende, porque sua escrita tem uma íntima relação com a beleza e a violência” (AMPUERO, 2021, [s.p.]). O caminho para enveredar pelo trajeto narrativo de María Fernanda Ampuero, de fato, parte exatamente daí.

Considerando a totalidade das narrativas em *Rinha de galos*, composta por treze contos assustadores e viscerais, prevalece a ideia da monstruosidade enraizada na figura feminina. As mulheres são consideradas monstros pela sua condição de vulnerabilidade ou por serem capazes, de certa forma, de ultrapassar as barreiras dos comportamentos idealizadas pelos homens. São elas as verdadeiras criaturas abjetas e o centro das histórias. A genialidade da escrita da autora, extremamente descritiva, fluida e poética, no sentido mais visceral da palavra, encontra-se aí, em mostrar que o verdadeiro horror, aquele que te faz pular da cadeira, roer as unhas e ficar com o coração acelerado, encontra-se nas coisas cotidianas e rotineiras, na própria vida e na maneira de viver.